

Um Diamante Fora de Perigo:

A Figura do Diamante da Temporada na Segunda Temporada de *Bridgerton*¹

Lara Karoline Souza de AQUINO²
Universidade Paulista, São Paulo, SP

RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a relação entre a construção da figura da “donzela em perigo” em adaptações seriadas contemporâneas. Adotou-se a análise fílmica de Penafria (2009) e tomou-se a série *Bridgerton* (2020), lançada pela Netflix, como objeto. Para tanto, analisaremos as protagonista de segunda temporada (2022) com intuito de observar as diferenças entre o protagonismo não-branco com o branco da temporada anterior (2020).

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação e Cultura; Romances de época; Mulheres; Série *Bridgerton*; Netflix.

INTRODUÇÃO

Acompanhar a narrativa sobre a vida de uma família inglesa do século XIX pode não ter muito oferecer em primeira vista. A série *Bridgerton*, adaptação homônima da série de livros *Os Bridgertons* da autora estadunidense Julia Quinn, retrata a vida de uma família inglesa do século XIX e recebe destaque nas telas mundiais, principalmente pela relevância dos romances de época na atualidade e as discussões sobre questões de gênero, raça e classe. Neste sentido, analisaremos a construção da protagonista da segunda temporada do seriado sob o olhar da 'donzela em perigo', enfatizando como a escolha de uma atriz não-branca e suas narrativas quebraram com os padrões da primeira temporada e na construção de narrativas de época.

Para Berger e Luckmann (2007), é necessário compreender as relações entre os pensamentos humanos e o contexto social no qual eles vivem, visto que o ser humano é um ser sociável, convivendo em sociedade ao instaurar sua vida mediante a linguagem, conseguindo se adaptar a novos locais, aprender e produzir conhecimento. Sendo os indivíduos são formados e formadores da sociedade, em um processo dialógico.

Segundo os autores, a linguagem é um fator determinante na socialização humana. O homem não nasce membro da sociedade, mas é inserido nela a partir do aprendizado das regras, comportamentos e valores, levando-o a reconhecer seu lugar no

¹ Trabalho apresentado na DT 4 - Comunicação Audiovisual do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Mestranda em Comunicação Social pela Universidade Paulista (UNIP). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), email: laraaquino.souza@gmail.com

mundo (BERGER; LUCKMANN, 2007). Ao discutir sobre socialização, é relevante compreender a diferente inserção de homens e mulheres na sociedade (AVELAR, 1989), e a forma em que a ideia de gênero é construída ou desconstruída pelos produtos culturais. Afinal, a socialização toma novas proporções com a interferência dos suportes de comunicação (THOMPSON, 2018). Algo reforçado pelo Audiovisual, com produções que retratam o homem como aquele que salva a donzela em perigo.

Conforme Santos (2020), nas primeiras produções da Disney, as princesas protagonistas tinham posições passivas em relação a suas próprias histórias. Adaptadas de contos de fadas, vemos princesas que dependiam de príncipes para dar continuidade a suas histórias, bem como, salvá-las. Enredos que reforçavam o estereótipo ligado ao gênero feminino, de padrões de beleza a serem alcançados, passividade, falta de sororidade entre mulheres, cuidados com o lar, entre outros. Todo o seu imaginário está baseado na feminilidade e em atividades estereotipicamente atreladas à mesma.

Na última década, vemos uma mudança com personagens como Elsa, de Frozen (2013), que se torna rainha sem casamento, com poderes mágicos; e Merida, de Valente (2012), que se nega a casar sob imposição dos pais e luta por isso. Agora, as protagonistas são heroínas de suas próprias histórias. Ao quebrar estereótipos vemos um movimento que cria histórias anacrônicas, mas que revelam o apagamento de diversas mulheres dos séculos passados. Nesse sentido, os produtos culturais atuais também trazem a problematização sobre gênero, sexualidade, entre outros sistemas de opressão que atuaram e ainda atuam sobre o corpo social. Perpassando essas dimensões, deparamo-nos com a perspectiva interseccional de estudos feministas, com início no feminismo negro, em discussões que chegam para cobrir as brechas deixadas pelo feminismo branco.

DIAMANTES NÃO-BRANCOS

Interseccionalidade é o estudo sobre a interdependência das identidades e das relações de poder, que constituem os seres humanos. Para Crenshaw (apud HIRATA, 2002) a interseccionalidade capturA as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação, destacando o protagonismo das mulheres negras em suas lutas e na ocupação de espaços de poder. A interseccionalidade visa combater as opressões múltiplas imbricadas e Crenshaw faz uma analogia entre

diferentes estradas que se cruzam, sendo os eixos de poder como essas vias que se atravessam

No mundo real, tratando da interseccionalidade, vemos as interligações das opressões. O feminismo negro entende que a mulher branca sofre pelo marcador de gênero, mas entende que a mulher negra soma o marcador de gênero à categoria raça, como o racismo imposto aos homens negros. A pluralidade também é presente no recorte das mulheres negras que estão distantes da cisgeneridade branca heteropatriarcal (AKOTIRENE apud SANTOS, 2018).

“Sendo assim, as avenidas identitárias são muitas, o que possibilita um mesmo indivíduo a ocupar o lugar de oprimido ao mesmo tempo que pode corroborar com outras violências” (SANTOS, 2020, p. 29). Em *Bridgerton*, abre-se uma discussão sobre o anacronismo realizado na série na escolha de uma atriz negra, Golda Rosheuvel, para viver o papel da rainha Charlotte — avó da rainha Vitória — uma licença narrativa da produção que rendeu, inclusive, um *spin-off* para a personagem. Até Meghan Markle, uma atriz birracial estadunidense, que se casou com o príncipe Harry do Reino Unido, em 2018, não havia registros concretos de qualquer racialização na família real britânica, o que dirá sobre os membros mais antigos dessa instituição, como a rainha Charlotte.

Além das questões históricas, é importante destacar o papel da produtora da série Shonda Rhimes, mulher negra, estadunidense e fundadora da ShondaLand. A produtora é responsável por produções de renome internacional e consolidada na imagem de “protagonistas [...] como personagens fortes, complexas, inteligentes e contraditórias que se distanciam da fragilidade, objetificação e do patriarcado presente nos programas das décadas de 1970 e 1980” (SOUZA; AZEVEDO, 2018, p. 6).

Em suas produções, Shonda traz para o enredo personagens negros e negras em posições de protagonismo. Para Raul e Silva (2019), as intervenções radicais de Shonda Rhimes, em suas produções, demonstram o compromisso ético com perspectivas silenciadas comumente na representação, no que toca questões ligadas a gênero, raça e classe. Rhimes fez algo que os executivos diziam não ser possível de se fazer na TV, em especial, estadunidense. E isso não foi diferente na segunda temporada da série, a escolha do elenco continuou apostando na diversidade, ao escalar mulheres sul-asiáticas

para formarem a família Sheffield, que na série será Sharma, em concordância à origem. A nova protagonista e par romântico de Antony Bridgerton foi Kate Sharma.

DIAMANTES DA TEMPORADA

Daphne Bridgerton é apresentada à corte londrina durante a primeira temporada e conquista o posto de "diamante da temporada", sendo considerada a mulher ideal para o casamento, desejada e disputada pelos pretendentes. No entanto, na série houve uma inversão de valores referente à personagem Daphne em relação aos livros, nos quais ela era descrita como "simpática" e "normal demais" pelos seus pretendentes, que sempre a deixavam de lado. Ela era um Bridgerton mulher, muito parecida com seus irmãos, sem nada que a destacasse das outras debutantes. Já na adaptação, montaram a personagem como a favorita da rainha, disputada por todos, com uma beleza incomparável, e o único motivo para não ser cortejada seria a constante interferência de seu irmão mais velho. No entanto, por que imprimir nas telas estereótipos de beleza em uma personagem que alguns fãs definem como "sem sal"?

Na segunda temporada, a história se concentra nas irmãs Sharma, que vêm da Índia para debutar na alta sociedade inglesa, representando a cultura indiana na trama. As irmãs têm pele mais escura, típica do sul da Índia, e viajaram de Bombaim para a Inglaterra em busca de um casamento vantajoso para Edwina, já que a família enfrenta dificuldades financeiras após a perda do patriarca alguns anos atrás. Vale ressaltar que Kate, a irmã mais velha, é considerada uma solteirona para a época devido às economias que a família fez esperando que a irmã mais nova atingisse a idade para debutar, fazendo uma única viagem à corte para reduzir os gastos.

Na trama, vemos os cortejos de Antony a Edwina, considerada o diamante daquela temporada, ao mesmo tempo que uma tensão romântica acontece com a mais velha. É notável como Edwina não recebe o mesmo destaque que Daphne, o "diamante da temporada" da primeira temporada, apresentada como uma personagem romântica e delicada, enquanto sua irmã mais velha é vista como mais "selvagem" e carrega o fardo de "homem da casa". Com essa diversidade de personagens, Bridgerton aborda questões de gênero, raça e classe, desconstruindo padrões e estereótipos das narrativas de época, mas porque esperar para que essas discussões fossem figuradas em personagens não brancas? Ou o que levou o roteiro a construir esse casting?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de casting para a personagem Kate Sharma na segunda temporada de *Bridgerton* gera questionamentos sobre representatividade e estereótipos de gênero na série. Embora tenha sido elogiada por sua quebra de papéis de gênero, a representação feminina ainda precisa ser desenvolvida. A escolha de uma atriz de pele não-branca e de descendência indiana para interpretar uma personagem que não tinha traços ou histórico de ser delicada, ou meiga, enquanto a irmã que reforça alguns dos estereótipos femininos de donzela em perigo ter o tom de pele mais claro gera questionamentos. O que levou a essa escolha de roteiro a ser feita?

A partir das personagens presentes na série *Bridgerton*, podemos observar como a representação feminina ainda é uma questão em aberto na sociedade atual, moldada historicamente e em diferentes contextos temporais e geográficos. Infelizmente, as representações das mulheres não-brancas em tela ainda sofrem com a reprodução de estereótipos, nos mostrando haver ainda muito a ser feito para garantir uma representação mais justa e equilibrada para todas as mulheres, independentemente de sua raça ou etnia.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Lúcia. **O Segundo Eleitorado**: tendências do voto feminino no Brasil. Campinas: Editora Unicamp, 2. ed., 1989.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade** - Tratado de Sociologia do Conhecimento. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis, Vozes, 27 ed., 2007.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo social**, v. 26, p. 61-73, 2014.

SANTOS, Deborah Luísa Vieira dos.; SILVA, Iolanda Pedrosa Borges; CARVALHO, William José de. Identidades Híbridas e Indústria Cultural: a construção da identidade da personagem Katniss em Jogos Vorazes. In: **Anais do V Seminário de Pesquisa em Artes, Cultura e Linguagens (SPACL)?** Intervenções Imaginárias, 2018, Juiz de Fora - MG. Anais do V Seminário de Pesquisas em Artes, Cultura e Linguagens., 2018. v. 5. p. 478-495.

SANTOS, Rhayssa J. Souza dos. **Donzelas Para Sempre?** A Identidade Feminina e a Interseccionalidade nos Filmes de Princesa da Disney. Orientador: Luiz Ademir de Oliveira. 2020. 58 p. TCC (Graduação) – Curso de Comunicação Social (Jornalismo), Faculdade de Educação, – Universidade Federal de São João del-Rei, 2020.



SOUZA, Rhayller Peixoto da Costa.; AZEVEDO, Júlio Arantes. O Papel da Televisão no Streaming: Um Estudo Sobre a Evolução das Séries da Produtora Shondaland e sua Contratação pela Netflix. In: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018, Joinville. **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2018, P. 1-12. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1427-1.pdf>> Acesso em 20 nov. 2021.

RAUL, Jessica Mara; SILVA, Alexandra Lima; “Young, gifted and black”: representatividade e diversidade em Grey’s Anatomy. **Caminhos da Educação**, vol. 1, n. 2, 2019, p. 40-59. DOI: <https://doi.org/10.26694/caedu.v1i2.9898>

THOMPSON, John B. A interação mediada na era digital. **Matrizes**, v. 12, n. 3, p. 17-44, 2018.